

VIDA FLUMINENSE

Folha Ilustrada

ESCRITORIO

RUA DO OUVIDOR

52 - sobrado - 52

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

38000
10 5000
20 8000

PROVINCIAS

Semestre
Anno
Avulso

115000
215000
18000



Uma idea do Carnaval de 1871 na Corte.
Esteve realmente bem ruim! - tão ruim como o desenho acima.

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 25 DE FEVEREIRO DE 1871.

Nesta semana estão todos os cronistas do Rio de Janeiro abstrictos ao imperioso dever de darem conta minuciosa das occurências mais notáveis do carnaval.

Vamos e venhamos: é grande *estopada* ter de repetir todos os annos as mesmas considerações.

As mesmas palavras, as mesmas phrases, os mesmos períodos assaltam todos os annos a imaginação do jornalista e porfim em correr sobre o papel.

E como não ha de ser assim?

Como pôde haver variedade na descripção de uma coisa que se repete annualmente sob um aspecto tão invariavel sempre?

Uma banda de musica na frente, depois um carro com uma grande bandeira, e em seguida uma feira de carros, tendo cada um seus dous ou tres *chicards* de pé sobre as almofadas....

E' uma sociedade carnavalesca que passa!

Meia hora depois: outra banda de musica na frente, depois outro carro com uma grande bandeira e em seguida outra feira de carros, tendo cada um outros dous ou tres *chicards* de pé sobre as almofadas....

E' uma segunda sociedade carnavalesca que passa!

Meia hora depois: outra banda de musica na frente, em seguida outro carro com uma grande bandeira e depois outra feira de carros, tendo cada um outros dous ou tres *chicards*....

E etcetera, etcetera e etcetera!

Vêr uma é vêr todas as sociedades.

A unica differença entre ellas cifra-se nas cores mais ou menos bonitas das colxas que cobrem os vehiculos, e das roupas que cobrem os sorios.

Não será possível variar um pouco a ordem do prestito, e, sobretudo, abolir de uma vez para sempre o proverbial *chicard*?

* *

Afóra as sociedades que se apresentaram este anno com inexcusable lusimento, maximo a dos *Traentes do Diabo*, a do *Club dos Fevianos*, a dos *Estudantes de Heidelberg* e a dos *Democratios Carnavalescos*, poucos mascarás dignos de nota circularam pelas ruas.

Homens vestidos de mulhier, mulhier vestidas de homem, o gallo do *Orpheu na Roça*, um janota de chinellos escarlates, e um não acabar mais de *Zé Pezinhos*.... foi quanto pôde vêr.

Em compensação regorrigtavam as ruas de povo e cada janella era uma linda piúba de formosos rostos. Valeu no menos isso!

* *

Conforme vaticinámos ha oito dias, enchem-se a mais não poder o elegante e espaçoso theatro de D. Pedro II.

Sempre sollicito em agredar o publico o amigo Teixeira reformou, na terna feira, sua grande orquestra com a excellente banda de musica italiana, a qual no

intervallo de uma a outra quadrilha executou arrebatadoras valzas e polkas.

O edificio illuminado a giorno e repleto de povo, apresentava um aspecto deslumbrante!

* *

N'um jornal que, sob o titulo pomposo de *Facho da Civilização*, distribuido a grand' pelas ruas a syndical sociedade *Club dos Fevianos*, encontrámos annas definições, que, por nos parecerem curiosas, aqui transcrevemos:

REFORMA (jornal):—Vai-se mantendo na lica sem declinar do programma: *reformat, reformat tudo, reformat sempre!* Que é como se dissesse: *serrar sempre, serrar tudo, sem nunca deixar em soco a serra*. O que é pena é que os menos *serrados* são os que mais *serrados* necessitavam ser.

SEMANA ILUSTRADA:—Entidade hybrida, que ha muito estaria aposentada se não fosse a efficacia da anacalhuita de Kemp.

MUNDO NA LUA:—Região desconhecida, de cuja existencia não duvidamos, mas que, por falta de *instrumento apropriado*, não nos é permitido apreciar a gosto.

VIDA FLUMINENSE:—Livindade allegorica da capital, em cu os altares, se algumas vezes fallaa sagração á victimia votada no sacrificio, é fóra de toda a duvida que o ince so de seus holocaustos é sempre o mais puro no thuribulo dos purificadores.

COMEDIA SOCIAL:—Escola de comediantes.

REPUBLICA:—Unica reforma possivel a julgar pelo titulo. Uma especulação como outra qualquer a julgar pela época.

RABECA:—O primeiro dos instrumentos quando tangido por mão de mestre, o ultimo e o mais amolador e massante quando tocado por algum *figaro* como....

BINOCULO:—Em geral é um instrumento que tem a propriedade de approximar os objectos; porém este em questáo produz exactamente o effeito contrario.

MOSQUITO:—Insecto que ferra, ferra e deixa.... o leitor *ferrado*.

* *

Hade haver... não sei se quinze ou vinte annos... Não posso dizer no certo quando foi, mas lembro-me como se tivesse lido hontem.

Era um jornal allemão, que começava assim:

"Este artigo é traduzido do grego; mas consta-nos de fonte limpa que a coisa se passou na China."

Ora o tal artigo allegrou-se-nos ser tão original na forma e tão verdadeiro no fundo, que desde logo transformamos de copião o com todo o estuado.

Dando hontem uma busca em papeis velhos, encontramos a copia, já amarellecida pelo tempo, mais intelligivel ainda.

Holêmol-a, e tão entusiasmados ficámos com a leitura, que não nos podemos furtar ao desejo de animosar o publico com a fiel traducção do memoravel artigo germanico — grego — asiatico.

Fica, pois, bom entendido que é uma simples tra-

dução desse artigo que fazemos, e que não somos por isso, responsáveis pelas idéas nelle emitidas, Ah! vine:

" COMO DEVE SER FEITA A GUERRA!

" Tinha fallecido o rei de uma nação. O conselho de ministros reanão-se para tratar de prover á substituição do finado.

Apresentou-se um filho do rei, como candidato ao logar vago.

— Que fareis quando subirdes ao throno? perguntaram-lhe os ministros.

— Farei tudo pelo melhor. Começarei declarando guerra á nação vizinha, para augmentar meus domínios. E como vossos exercitos são mais agueridos e numerosos tenho certeza de vencer.

— Tudo isso com os maiores sacrificios, fazendo correr ainda o sangue deste bom povo, arranco os maridos do lado de suas mulheres, os pais do lado de seus filhos.

— Não se pescam trutas a bragas enclutadas; não se ganha uma victoria sem perder homens.

O conselho de ministros que, como Vossa Alteza sabe, desempenha as funções de regente neste momento, depois de muito parafrasear e meditar, teve a excellente idéa de reformar os barbaros usos dos povos civilizados. Dora em diante, quando houver um desguisado entre duas nações, os respectivos soberanos serão os unicos que cruzarão os ferros.

— Mas porque?

— Porque são elles que, com suas imprudencias e vaidades, acendem os fachos da guerra. Devem portanto pesar somente sobre elles todos os perigos e responsabilidade da lucta, e não sobre o innocente povo que em nada contribue para ella.

— Não comprehendo!

— Entretanto a cousa é bem simples. Desde que haja uma desavença entre Vossa Alteza e o outro monarcha...

— Declaro-lhe logo guerra!

— Sim, senhor, e depois desce á arena de espada em punho e briga a valer com seu contendôr, para ver qual dos dois imporá suas vontades ao outro.

— E que fará meu povo durante esse tempo?

— Assistirá á lucta para certificar-se se seu soberano tem valor, se é digno de governal-o.

— Mas assim arriscarei continuamente meus dias!

— Para não arriscal-os, Vossa Alteza será mais prudente, terá mais criterio do que costumam ter as testas coroadas.

— Oh! Porém tudo isso é um grande absurdo!

— Qual! Ora, diga-me: quem é que colhe sempre as louros da victoria?

— E' o monarcha.

— Entretanto quem pega em armas e corre aos campos da batalha, deixando sem amparo mulher e filhos, pai e irmãos, toda a familia enfim.... é o povo. E' elle que soffre as consequências da guerra; é elle que morre, enquanto seu chefe supremo deixa-se ficar commodamente em palacio. Eis o que não queremos. D'ora em diante toda a gloria pertencerá

ao monarcha, porque foi elle o unico que pôz em risco sua vida!

— Por tal prepo, senhores, não quero a corôa!

— O conselho de ministros deve declarar a Vossa Alteza que nas questões de pequena importancia poderá mandar em sem lugar qualquer dos seus parentes mais proximos.

— Nada! Não me convém o throno decididamente. Tenho muito amor á minha pelle e á dos meus parentes...

— Como Vossa Alteza quizer.

O conselho de ministros teve conferencias em tudo iguaes a esta com mais dezasete candidatos.

Finalmente, o decimo oitavo aceitou a corôa. Tres mezes depois de subir ao throno uma disputa, por causa de alguns palmos de terra, rebentou entre o novo monarcha e seu collega do paiz á esquerda.

— Mão! Vejamos se se pôde arranjar o negocio amigavelmente (disse com seus botões o soberano recém-acclamado).

As cousas, porém, complicaram-se a ponto tal que não houve meio de chegar a uma conciliação. O recém-acclamado mandou chamar um de seus irmãos e lhe disse:

— Meu amiguinho, tens de bater-te em duello para salvar a honra da nação.

— Estás doudo? Altercis com os vizinhos, e sou eu que pago as favas? Nada!

— Tem paciencia, maninho.

— Não me aborrecas!

— Deixa-te de luxos, não é para ficares a gosto em casa que recheias do thesouro publico uma grande dotação annual. Ou accitas este honroso encargo ou perdes para sempre a dotação. O encontro será amanhã pela volta do meio dia no hypodromo; affia bem a espada, maninho.

No dia seguinte, antes do meio dia, toda a população dos arredores da capital correu á arena, onde iam brigar os dous primos das duas soberanas desavindas.

Foi um dia de verdadeira festa popular! Os vendedores de refrescos gelados, de doces e de pasteis affluíram com seus taboleiros atulhados de petiscos e suas urnas cheias á transbordar. Fizeram-se muitas apostas, umas a favor de um dos primos, outras a favor do outro.

Começou o duello com a primeira ladrida do meio dia: o primo do soberano recém-acclamado teve a felicidade de matar seu adversario.

A' noite houve fogo de artifício, illuminação e bailes publicos.

Eis como se passavam as cousas.... lá na Asia.

Porém nós por aqui andamos muito mais adiantados.

NOTA

Por causa das duvidas torno a declarar que este artigo é traduzido.... e que só na Asia é que ha gente que seja capaz de adoptar usos tão retrogradados.



*Vestuario a caracter para o Carnaval de 1871 na Europa, que mais
se senta a sua humanissima Magestade Imperial da Allemanha!*



O Chicard

Sempre o mesmo desde 1860 até 1871! Sempre o mesmo capacete, a mesma cabelleira, as mesmas botas, as mesmas contorções, e o mesmo espirito! Haverá ainda quem lhe uene graça?!

Uma grande descoberta foi feita pelo redactor da parte commercial do *Jornal da Tarde*.

Descobriu (o declarou-o na terceira pagina da folha distribuida ante-hontem) que o vapor *Planita* é esperado até o dia 30 no Correitiba.

A. DE C.

Assumpo de varias côres

O carnaval. O *Facho da Civilização* e o *Cupido aposentado*.—O *Democrata* e um *photograph* com seus vícios do ilustre *Almeida*.—O *Indice*.
O theatro *D. Pedro II*.—O *Club Fluminense*.—O vigor do cabelo, o Dr. Ayer, e a opinião do certo *diavol*, formando em questões de *che*.

Se na sociedades carnavalescas não tomassem a peito a festa do Deus Momo, o tal carnaval de 1871 tornava-se notavel tão sómente.... pela insipidez!

No anno de 70 ainda appareceu por essas ruas alguma coisa a que com justa razão se podia applicar o qualificativo de—espirituosos.

Neste, porém, de que estou fallando, se exceptuarmos o *Facho da Civilização*, e o *Cupido aposentado* dos *Fenixes*, idéas repugnadas do sul o que attrahiram sobre si a gargalhada stridente do burgoz mais sizoado; se exceptuarmos ainda o carro verdadeiramente luxuoso dos *Democráticos*, e a carrocinha de certo *photograph*, que distribuia duas primorosas cópias dos quadros de Yvon ao som de um arcanjo capaz de metter n'um chinello o do proprio *Maugin*, (se elle ainda visse) tudo o mais ficou muito aquém do que era licito esperar-se.

Os *Estudantes* primaram pelo luxo das roupas, o *Club X*, embora diximado, mostrou-se garboso e elegante, os *Tenentes do Diabo* foram bullicosos e travessos como sempre,—quem poderá negal-o?—Mas o *chicard* avassalou tudo e dahi veio que, sem os estandartes que tremulavam na frente das sociedades, facilmente poderiam ellas confundir-se umas com as outras.

E' de esperar que no carnaval de 1872 o *chicard* seja substituido por cousa mais original e caricata. Se tudo progride, se o mundo caminha, como diz Polletan, é preciso que o carnaval não fique estacionario; com a bréni!

De bailes não ha razão de queixa. Pelo contrario: ainda o não houve por cá tão luzidos e vistosos.

O enorme salão do theatro D. Pedro II, adorado como se achava, illuminado de sorte a ofuscar tudo quanto até hoje entre nós se tem feito no artigo, *illuminação*, e repleto de gente trajando galas de variadas epelas, côres, feitios e qualidades, apresentava um tal aspecto na noite de terça-feira gorda que dahi ao fantástico,—mas ao fantástico genuino, legitimo—não vai grande a distancia.

Do Lyrico nada poderei dizer ao leitor por uma dessas mil razões, que a logica mais cerrada não pôde contradizir: "*Não puz lá os pés*." Se o artilheiro não fez fogo por falta de pólvora parece-me que o chronista não pôde fallar daquillo que não viu, não acham?

Em compensação chegaram-me nos ouvidos as mais lisongeiras informações do esplendido baile do *Club Fluminense*, concorrido a não caber já um alfinete, repleto de *toilettes* onde o bom gosto caminhava a par da riqueza; e animado como todas as festas magnas daquelle estabelecimento.

Na ultima pagina deste semanario verá o leitor um desenho allusivo aos effeitos maravilhosos de uma preparação devida ao Dr. Ayer, do Lowell.

Apesar de muito conhecido o especifico, que sob a denominação de *Vigor do cabelo* já por ahi anda pelo *toilette* da quanta moça ha, direi em resumo que as suas principaes qualidades consistem em:

Conservar, augmentar e aformosar os cabelos.

Evitar e curar a queda dos cabellos.

Inpedir a formação da caspa.

Restaurar a cor natural.

Além disso:

Quando as glandulas capillares não estiverem completamente destruidas faz nascer CABELLO NOVO NAS CABECAS CALVAS.

Não contem substancia alguma nociva.

Não suja a mão, nem a cabeça, nem a cambraia mais fina.

Torna os cabelos macios, sedosos e brilhantes, perfumando-os com aroma de rara delicadeza.

Dá vida nova nos orgãos vitales de que depende o crescimento do cabelo, e obriga-o a crescer abundante e formoso.

Todas estas qualidades me são garantidas por certo dandy, que lá de cadeira em questões de cur, e que graças á preparação do medico americano, viu, dentro de alguns mezes, transformada em crescida juba certa calva pertinaz que, em questões de amor, por vezes se oppunha á completa realisação do dito coarriano: *Veni, vidi et vinci*.

A. OR A.

Eu via, e as flores da infancia
Revieram ante mim:
Senti a doce fragancia
Daquelle roseo jardim.

Ellos sorrindo em fulgôres
Dizem que era todo azul
E julgou-me entre os verdôres
Das campinas lá do sul.

E como a luz avessilha
Canta alegre a contemplar
A compensação finda
Do seu infantil brincar.

Aleci em minha alma um canto,
Palpito meu coração:
E que he?—longe tu estante
Eu não te esqueci, não!

Ah, poderei apaixonar-me
Feliz diz-me a sorrir:
"Tu, minha irmã do passado,
Se meu anjo não porvir!"

1861. — Novembro 26.

D.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

O BUSTO

ROMANCETE POR EDMOND ABOUT.

CAPÍTULO II.

(Continuação.)

A Sra. Michaud ouvira, sem mover-se, a narração de Daniel, e este, aproveitando o ensejo, fizera em meia hora mais do que havia feito em algumas semanas. O busto já tinha forma humana! A expectação foi geral. Em sua perturbação, chegou Victorina a dizer a Daniel:

— Oh, o senhor provou bem claramente que o amor opera milagres!

Daniel, pensando que a moça se referia á historia de Cambier, respondeu-lhe sem malícia:

— Ainda pôde haver quem duvide, minha senhora?

— Até que ponto será verdadeira esta historia? (pensou a moça.) O embaixador de Hespanha... uma moça bonita que moro com sua tia... um moço de talento... um obra prima inspirada pelo amor... Sim! E' o busto de minha tia! Mas porque não me diz já que me ama?

O Marquez tinha escripto que chegará no dia 1.º de Julho, e, se tem que ninguém tivesse recebido ultimamente noticias do fidalgo, era tão conhecida sua exactidão mathematica, que não havia no castello quem não o esperasse naquella dia.

An sahir do aposento em que estivera esboçando o busto da Sra. Michaud, o escultor dirigio-se ao seu quarto, lavou as mãos, mudou de roupa, e, como ainda dispuzesse de uns tres quartos de hora, pelo menos, de recreio antes do jantar, encaminhou-se para a extensa varanda que servia de sala d'armas, e onde se viam espadas de combate afiladas, novas, reluzentes, e espadas de assalto, enfiadas nas bainhas pelo contacto das mãos e cheias de mossa.

Daniel passava entaralando quando viu o Sr. Lefébure em contemplação diante de uma panoplia. O advogado não tinha podido digerir nem o successo artistico do recém-chegado, nem a celebre serenata, nem o osculo entusiastico que a Sra. Michaud dera ao escultor. Demais, não tendo feito o menor exercicio naquelles ultimos quinze dias, o Sr. Lefébure sentia-se incommodado, tinha cocegas nas mãos, ardia em desejos de encontrar alguém sobre quem podesse descarregar toda sua bilis.

Estava elle nessa philanthropica disposição do espirito quando viu junto de si o artista, que lhe apparecia ali como uma victima enviada pela Providencia. Com tal competitor não era devidosa a victoria, porque o Sr. Lefébure só conhecia em França tres amadores mais dextros do que elle no maneo das armas: Lord Seymour, M. O'Connell e o Marquez de Guéblian.

O joven artista não tinha razões para querer mal ao Sr. Lefébure, por isso parou para conversar um pouco com elle. Examinou as armas, accioei uma luva e uma espada, e, com a candura de uma innocente ovelha preparada para o sacrificio, deixou que o bellicoso advogado lhe cobrisse o rosto com uma mascara de arame. Sem dizer ao menos uma voz: ou guarda!... o Sr. Lefébure arremetteu com tal sanha ao artista, que em menos tempo do que possa dizer-lhe locou-o umas vinte e tantas vezes em pleno peito. Cada vez que cahia a fundo murmurava entre dentes o advogado: Toma! Toma! Toma! Esta é pela tua escultura! Esta pela tu

serenata! Esta pelo incommodo que me causas, estovçando como importuna nobreza em torno dos meus auctores!

Daniel, com a maior calma ia confessando, um por um, todos os golpes que recebia. Cinco minutos depois o Sr. Lefébure estacou para tomar folego e enlugar o suor que lhe corria em bagas pelo rosto. O escultor, que estava frasco como antes do cruzar o ferro, disse coisito e olhando de assalto para o advogado:

— Agora conheço teu jogo, meu marreco. Estás arranjadinho! Tua furia só pôde atrapalhar um novico; tua máo só tem a agulhada precisa para surprender quem jogue tão mal como tu. O que queres é agredir sem cuidados em cobrir o corpo. Ora, espera agora pelo tróco.

Cabiram de novo os deus em guarda. A principio o Sr. Lefébure contestou todos os golpes que recebia, allegando não valorem por serem uns no braço, outros no pescoço e nenhum em pleno peito.

Daniel, incomodado com semelhante falta de cortezia, bradou: Reconhecemos.

Começaram então os golpes a cair como saraiava sobre o pobre advogado, que a final, esbaulso de forças, sentou-se em uma cadeira, dizendo, offegante de cansaço:

— Bem! Não atira mal! Somos de forças iguaes.

— No entanto, creio que me ficou devendo alguma.

— Perdão! Perdão! Ganhei a primeira partida, o senhor ganhou a segunda, estamos quites.

— Pois sim, seja! Quer agora decidir a questão em uma terceira partida? (perguntou zangado o artista).

— Creio que não tems tempo.

Na sala contigua havia um relógio de parede. O Sr. Lefébure foi ver que horas eram, e voltou dizendo:

— Daqui a dez minutos virão chamar-nos para o jantar.

— Temos ainda tempo de sobra então, respondeu o escultor calhudo em guarda.

Durante a curta ausencia do advogado, Daniel tinha substituido o fureto do assalto do seu competitor por um fureto do duelo, acicalado e pontenguido. O Sr. Lefébure, sem reparar na troca, empunhou a arma e correu como um possesso sobre o artista. Este parou, parando o bote com toda a calma, tocou um chelo no peito uma meia duzia de vezes. O advogado, todo encolerado, fez um esforço supremo e conseguiu accertar, de leve, um bote no antebraço do escultor:

— Mesmo no meio do peito! Confesso! Este foi do mestre! bradou muito ancho o Sr. Lefébure.

— Qual! Foi no braço!

— Não, senhor! No peito! Não negue!

— Engana-se.

— Tenho toda a cortezia; foi em chelo no peito!

(asseverou o advogado).

— Ah! Tem toda a cortezia. Então como é que estou ainda vivo?

— Não comprehendo!

— Olhe o cordão que se, (disse com sangue frio Daniel, mostrando uma o-stus de sua mão direita um leve arranhão). Seu fureto roçou apenas pela pelle.

O Sr. Lefébure, examinou a ponta de sua arma, mostrou-se muito commovido e sentou-se balbuciando:

— Não jogo mais o fureto com o senhor! Isto não é graçaço que se faça!

O senhor arriscou-me a commetter um homicidio!

— Qual! Com o senhor eu tinha de attender cortezia, do contrario.

(Continúa.)

ANNUNCIOS ILLUSTRADOS



VIGOR DO CABELLO.